

Duração: 120 minutos

**LEIA ATENTAMENTE AS SEGUINTES INSTRUÇÕES**

1. A prova é constituída por cinquenta (50) questões, todas com quatro (4) alternativas de resposta, estando correcta somente UMA (1) das alternativas.
2. Para cada questão assinale a resposta escolhida na FOLHA DE RESPOSTAS que lhe foi fornecida no início do exame. Não será aceite qualquer outra folha adicional.
3. Pinte o círculo com a letra correspondente à resposta escolhida. Por exemplo, se as respostas às questões 45 e 46 forem B e C, respectivamente, pinte assim:

45	A	<input checked="" type="radio"/>	C	D
46	A	B	<input checked="" type="radio"/>	D

4. Preencha a lápis HB, pois contrariamente ao preenchimento por esferográfica, os erros podem ser totalmente apagados sem deixar nenhuma marca que possa perturbar a leitura da máquina óptica.
5. Se tiver a certeza de que as respostas assinaladas a lápis são as definitivas, PODE passar à esferográfica de tinta azul ou preta.

**BOM TRABALHO**

*Fernando Aguiar / 2025*  
*"The World is for the strong people, but it is for who has vision"*  
*João Benfante*

## A (falsa) redescoberta da pobreza

*"Nos caminhos de ferro agora é proibido roubar"* Xidiminguana

Ultimamente, os nossos dirigentes políticos não falam doutra coisa senão da eliminação da pobreza absoluta. Agora, em Moçambique é proibido ser pobre. Proibição não é bem o termo. Desejato, talvez. Com efeito, os níveis de pobreza que graçam neste País atingiram proporções que incomodam os decisores políticos. Mais de dois terços da população moçambicana vive em pobreza absoluta. Trata-se de cerca de 70 por cento da população que vive abaixo do nível considerado necessário para se poder viver: noutros termos, uma esmagadora maioria de moçambicanos não vive. Vegeta por aí.

Mas se a existência da pobreza é um facto, a sua redescoberta não passa duma brincadeira de mau gosto. Não é porque a pobreza existe, e de que maneira, que ela foi redescoberta. Houve uma convergência de circunstâncias, dentre as quais as dificuldades da política internacional de desenvolvimento. De facto, a redescoberta da pobreza em Moçambique surge no contexto do perdão da dívida. O PARPA é essencialmente a reacção oficial moçambicana a uma exigência fundamental dos doadores: só haveria perdão da dívida nas condições reservadas aos Países mais pobres se houvesse um compromisso sério de combate à pobreza. Sem esta exigência os moçambicanos absolutamente pobres haviam de nascer, viver e morrer.

- Graças às contingências do auxílio internacional ao desenvolvimento os absolutamente pobres passam a ter história. No âmbito da satisfação das exigências impostas, o governo moçambicano teve que concentrar esforços no sentido de saber quem são esses pobres, onde e como vivem, e, sobretudo, porque são pobres.

O PARPA faz constatações interessantes. Parte duma definição da pobreza baseada em níveis de consumo para constatar que milhões de moçambicanos não são capazes de garantir a si próprios ou aos seus dependentes um conjunto básico de condições mínimas de subsistência e bem-estar segundo os padrões considerados pela sociedade moçambicana como sendo normais. No processo, o documento revela grandes desníveis regionais na distribuição da pobreza. A província de Sofala, por exemplo, onde se encontra a segunda maior cidade do País e onde nos anos oitenta jorraram milhões de dólares para o corredor da Beira, é a mais pobre com taxas da ordem dos 65,19 por cento. Mais grave ainda é o facto de ter os níveis de pobreza absoluta mais elevados: 87,92%! O documento estabelece correlações entre pobreza e demografia, educação, saúde e nutrição, agricultura, emprego e acesso a serviços básicos.

Assim, os pobres, só para dar um exemplo, têm a tendência de viver em agregados familiares grandes com níveis de dependência elevados. O documento chama a estes factores de determinantes da pobreza, confundindo dessa maneira correlação com causa e efeito. Contudo, isso não é o mais grave num documento que constitui um esforço louvável de sistematização do conhecimento sobre a pobreza no País.

O PARPA identifica áreas prioritárias de acção que coincidem com as correlações estabelecidas. Assim, as acções incidem sobre o desenvolvimento humano e rural, na melhoria do acesso dos mais pobres à educação e serviços básicos, etc. O documento concerta vários

instrumentos que vinham sendo aplicados como, por exemplo, a estratégia de segurança alimentar, a política populacional, o plano de acção pós-Beijing, etc. A ideia é de dar maior coerência ao combate à pobreza. O instrumento mais prioritário, contudo, sobre o qual não só o governo moçambicano, como também os mentores do PARPA depositam maior confiança, é a disciplina financeira e o crescimento económico. Joseph Hanlon, o jornalista britânico, critica com razão esta opção. Ele apoia-se em dados que indicam que, pelo menos até agora, esta opção se tem traduzido na redução do engajamento do Estado com a saúde e educação. Isto mede-se pelos números de professores que, por exemplo, não são contratados e nas despesas que não são feitas no sector da saúde.

Não obstante, o argumento do governo é, em certa medida, impecável. O Estado só pode dar aquilo que tem: sem crescimento económico não sobra nada para redistribuição. Este é um argumento característico do quadro neo-liberal que o fundamenta. O combate à pobreza vai ser o resultado do efeito de destilação, o chamado "*trickle-down effect*". Noutros termos, a crença na ideia de que quanto maior for a riqueza produzida, mais sobrá para os menos afortunados. Mais adiante veremos que esta crença é um elemento central da natureza problemática do PARPA.

O PARPA é um documento curioso. Reclama a sua fama com base na convicção de que se trata da solução dum problema claramente identificado e bem definido. Isto é verdade. Contudo, trata-se dum problema que não é moçambicano. E isso é o que está errado com o PARPA: O PARPA formula um problema de doadores como se dum problema moçambicano se tratasse, ao qual dá uma solução também de doadores como se dum problema moçambicano se tratasse. Ele parte da ideia de que Moçambique é um País com pobres. Conclui, por conseguinte, que o objectivo do desenvolvimento deve ser a eliminação desses pobres. A ambiguidade é minha e propositada. Trata-se de intenções nobres, mas extremamente problemáticas como definição dum problema moçambicano.

Na perspectiva moçambicana, o problema da pobreza não se pode colocar em termos de existência de pobres que precisam de ser eliminados. O problema que se coloca é dum País pobre que deve articular a eliminação da pobreza com o desenvolvimento. O alívio à pobreza, portanto, não pode, nas condições actuais do País, ser um fim, mas sim um meio: um meio para se chegar ao desenvolvimento. As dimensões rituais que as proclamações da necessidade do combate à pobreza assumiram não passam, portanto, de rosários que os nossos decisores políticos devem repetir para expiar os pecados que lhes são atribuídos pelos doadores.

O problema para o qual o PARPA é a solução é, em traços gerais, o problema enfrentado pelos doadores de justificar o auxílio ao desenvolvimento, incluindo o perdão da dívida, a Países que resistem o desenvolvimento. O mais intrigante no insucesso económico africano não é, na verdade, o próprio insucesso, mas sim o facto de que ele se regista apesar das boas intenções e dos rios de dinheiro que os países ricos desembolsam. Com o fim da guerra fria registou-se, no Ocidente, uma redefinição da relação com os países em desenvolvimento.

Entre outros aspectos, esta redefinição transferiu a responsabilidade pelo fracasso do desenvolvimento aos últimos. Os tempos já lá vão em que estes países podiam desfiar teorias como a da dependência responsabilizando o sistema mundial capitalista pelo seu atraso

económico. O mundo Ocidental, apoiando-se num coro de vozes que incluem organizações não-governamentais, instituições semi-governamentais como as agências da ONU e as instituições financeiras internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, todas elas directamente implicadas na sorte dos países em desenvolvimento, chegou à conclusão de que é tempo de dar um pouco de responsabilidade a estes últimos. E a maneira mais rápida de se aprender a lidar com a responsabilidade é aceitar culpas. Não é que os Países em desenvolvimento não sejam responsáveis pela sua sorte. A instabilidade política, mesmo se movida de fora, precisa de protagonistas internos para ser bem-sucedida. O nosso País, com a guerra da Renamo, é um exemplo claro e trágico desse facto.

Assim, o discurso é de que a resistência africana ao desenvolvimento económico não tem nada a ver com as soluções propostas pelos bem intencionados doadores internacionais, mas sim com os próprios africanos. São corruptos, ineficientes e egoístas. As elites não redistribuem a riqueza. Antes pelo contrário, preferem desenvolver o sistema financeiro suíço.

O sociólogo guineense, Carlos Lopes, considera que o auxílio ao desenvolvimento constitui uma maneira de os países ricos saldarem uma dívida de compaixão por tudo quanto infligiram aos Países em desenvolvimento. Pois bem, volvidas várias décadas do serviço dessa dívida as pessoas interrogam-se se as prestações estão a ser bem empregues pelos beneficiários. Porque persiste a pobreza apesar de se dar tanto dinheiro? Porque teimam em continuar subdesenvolvidos, apesar de tanto auxílio ao desenvolvimento?

Como o inferno são sempre os outros, como dizia o filósofo francês, Jean Paul Sartre, a indústria do desenvolvimento decidiu que o culpado pela ineficácia do auxílio são os beneficiários. Assim, a condição para se dispensar mais auxílio deve passar por um controlo mais directo do emprego dos fundos. A campanha internacional em prol do perdão da dívida dos Países pobres deu impulsos importantes neste sentido. Ela logrou uma mudança de ênfase que consistiu na ideia de que o perdão não pode premiar governos corruptos, mas sim beneficiar directamente os que foram consequente e sistematicamente ignorados ao longo da história do auxílio ao desenvolvimento. Dois conceitos ganharam primazia: boa governação e participação.

Adaptado.

Elísio Macamo, em Um País Cheio de Soluções.

1. "Agora em Moçambique é proibido ser pobre." Por que razão o autor faz esta afirmação?

A- Porque o governo proíbe a pobreza.

B- Porque o governo não gosta dos pobres.

C- Porque os governantes mostram desagrado pelos níveis da pobreza.

D- Nenhuma das opções está correcta.

2. O autor conclui, a dado momento, que a maioria dos moçambicanos não vive. Indique a razão por detrás desta afirmação.

A- Porque a taxa de mortalidade é elevada em Moçambique.

B- Porque as estatísticas mostram que são muitos os que estão abaixo do mínimo considerado para a sobrevivência.

C- Porque os moçambicanos não trabalham.

D- Porque os moçambicanos consomem muito álcool.

3. Há um conjunto de razões que estão na origem de tanto se falar da pobreza em Moçambique. Aponte uma delas.

A- Tentativa de contornar a dívida nacional.

B- Vontade de combater a pobreza.

C- Elevado número de pobres no país.

D- Os pobres fazem muita confusão.

4. O PARPA foi criado com o objectivo de:

A- Melhorar a vida dos moçambicanos.

B- Organizar os pobres.

C- Mostrar o quão pobre os moçambicanos são.

D- Mostrar que Moçambique estava comprometido a combater a pobreza.

5. Os moçambicanos pobres passaram a ser mais falados pela seguinte razão:

A- Porque o governo preocupa-se com eles.

B- Porque fazem muita confusão.

C- Porque são muitos.

D- Porque houve um movimento de ajuda ao desenvolvimento.

**6. A demografia é uma das áreas relacionadas à pobreza. De que trata a demografia?**

A- Do estudo do meio ambiente. ✘

C- De investigar as populações humanas.

B- De investigar as temperaturas. ✘

D- De estudar os solos.

**7. Indique um dos determinantes da pobreza apresentados pelo PARPA.**

A- Viver em agregados alargados com níveis de dependência.

C- Não ter formação académica.

B- Não ter emprego.

D- Nenhum destes factores.

**8. Um dos resultados notáveis do PARPA é:**

A- Redução da pobreza.

C- Criação de emprego para os pobres.

B- Fraco empenho do Estado nos sectores da saúde e da educação.

D- Ter os pobres a reclamar menos.

**9. O autor critica o PARPA na forma como prevê o fim da pobreza. Que forma é essa?**

A- Dar mais formação às pessoas sem dar emprego.

B- Criar emprego para pessoas qualificadas.

C- Pensar que quanto maior a riqueza, vai alcançar os pobres.

D- Distribuir o pouco que há por todos.

**10. O título do texto remete-nos à ideia de que:**

A- Os governos estão preocupados em acabar com a pobreza.

B- A pobreza pode ser usada para outros fins.

C- Os pobres são uma pequena fracção dos moçambicanos. ✘

D- A simples criação de projectos pode acabar com a pobreza.

**11. A Oftalmologia é uma área da medicina que trata de:**

A- Aftas

C- Vista

B- Olfacto

D- Cabeça

**12. A Estomatologia é uma áreas da medicina que trata de:**

A- Boca

C-Intestino

B-Estômago

D-Estrias

**13. A Dermatologia é uma área da medicina que trata de:**

A-Derames

C-Pele

B-Dentes

D-Abdómen

**14. A Cardiologia é uma área da medicina que trata de:**

A-Coração

C-Cardápios

B-Cancros

D-Caraças.

**15. A obstetrícia é uma área da medicina que trata de:**

A-Obesidade

C-Inchaços

B-Processo de gestação

D-Nenhuma das opções

**16. A Oncologia é uma área da medicina que trata de:**

A-Óculos

C- Cancros -

B-Visão

D-Obesidade

**17. A Ortopedia é uma área da medicina que trata de:**

A- Unhas

C-Pedras no organismo

B-Fracturas

D-Peso das pessoas

**18. A área da medicina que cuida do cabelo é:**

A-Dermatologia

C-Crespo

B-Capilar

D-Couro

**19. As doenças do exófago são tratadas por um:**

A- Estomatologista

C- Oftalmologista

B- Gastroenterologista

D- Cardiologista

**20. O Otorrinolaringologista trata de doenças ligadas a:**

A- Nariz

C- Voz

B- Ouvidos

D- Todas as opções.

**21. Seleccione a frase correctamente escrita.**

A- A Maria viajou conosco.

B- Nós gostamos de churrasco.

C- A minha mãe tinha fritado o peixe quando chegamos.

D- As crianças cuja a mãe está ausente estão tristes.

**22. Seleccione a frase correctamente escrita.**

A- O meu pedido foi defirido.

C- Ele difere os meus pedidos sempre.

B- O meu pedido foi diferido

D- Todas as opções estão incorrectas.

**23. Seleccione a frase correctamente escrita.**

A. Os dirigentes tem assessores.

C- O clero tem assessores.

B- Os decisores têm acessores.

D- Todos podem ter asseçores.

**24. Seleccione a frase correctamente escrita.**

A- Rapaz seja rápido!

C- Rapaz, seja rapido!

B- Rapaz, ser rápido!

D- Rapaz, sê rápido!

**25. Seleccione a frase correctamente escrita.**

A- No museu, houveram muitos visitantes.

C- No museu, houve muitos visitantes

B- No museu houve muitos visitantes.

D- No museu houverão muitos visitantes.

**26. Seleccione a frase correctamente escrita.**

- A- Gosto de sintos pretos.
- B-A Maria cente muito frio.

- C- Os filhos sentem saudades da mãe.
- D-Amanhã farei uma aquisição de cintos

**27. Seleccione a frase correctamente escrita.**

- A-A Joana gosta de maçaroca cosida.
- B-A minha filha não gosta de por os pés na cozinha. ✗
- C- Um ovo cose em cinco minutos. ✗
- D- No evento de ontem, havia uma variedade de cozinhados.

**28. Seleccione a frase correctamente escrita.**

- A- O pai gosta de acentar no sofá. ✗
- B-Algumas palavras usam assentos gráficos.

- C- Vou permanecer sentado.
- D-Tenho dificuldades em usar assentos na escrita.

**29. Seleccione a frase correctamente escrita.**

- A- Os que se dedicam acendem ao poder.
- B-A ascensão deve resultar de vários factores.

- C-Muitos fogos são ascendidos por criminosos.
- D-João ascendeu a mérito.

**30. Seleccione a frase correctamente escrita.**

- A- Vou usar uma tocha para fixar o quadro.
- B- As tachas aduaneiras são muito elevadas.

- C-Hoje, a taxa de cambio está baixa.
- D-Grande parte dos produtos são tachados. ✗

**31. O Plural de cidadão é:**

- A-Cidadões
- B-Cidadãos

- C-Pessoas
- D-Grupo

**32. O plural de capitão é;**

A-Capitões

B-Capitais

C-Capitães

D-Capitães

**33. O plural de Alemão é:**

A-Alemões

B-Germânicos

C- Alemais

D- Alemães

**34. O plural de perfil é:**

A-Perfiles

B-Perfis

C-Perfizes

D-Nenhuma das alternativas

**35. O plural de funil é:**

A-Funis

B-Funiles

C-Funiletas

D-Funilis

**36. Os nacionais do chipre são:**

A-chiprienses

B-Chiprianos

C-Cipriotas

D-Chiprisenses

**37. Os nacionais de Madagáscar são:**

A-Madagascarinses

B-Madagascarinos

C-Madagascarianos

D-Malgaxes

**38. Um nigerino é nacional de:**

A-Nigéria

B-Níger

C-Nicarágua

D-Nilo

**39. Os burquinabês são nacionais de:**

A-Burundi

B-Bielorrússia

C-Burkina Faso

D-Bangladesh

**40. Como é que são chamados os nacionais da Líbia?**

A-Libaneses

B-Líbios

C-Libianos

D-Libianeses

*Libios - Libia  
Li  
1c*

**41. Como se chamam os nacionais de Timor-Leste?**

A-Timor-Lestianos

B-Timorestinos

C-Timorenses

D-Timorlestinos

**42. José Craveirinha escreveu:**

A-Cronicando

B-Maria

C-Sobreviventes da noite

D-Babalaza das hienas

**43. Lília Momplé escreveu:**

A- Ninguém matou Suhura

B-Apocalipse

C-Vozes anoitecidas

D-Yô Mabalane

**44. Mia Couto escreveu:**

A-Sagrada esperança

B-Balada de amor ao vento

C- Os lusíadas

D- Raiz de orvalho

**45. Paulina Chiziane escreveu:**

A- Cada homem é uma raça

B-A varanda de frangipani

C-Portagem

D Niketche

**46. Juvenal Bucuane escreveu:**

A- Zevo, o Miliciano

C-Oásis

B-Balada de amor ao vento

D-Sete histórias de meter medo

**47. Tomás Vimaró escreveu:**

A- As mãos dos pretos

C-Terra no Alambique

B-Cela 1

D-Karingana wa Karingana

**48. Ensaio sobre a cegueira foi escrito por:**

A- José Saramago

C-Pepetela

B-José Rodrigues dos Santos

D-Miguel Torga

**49. Gabriela, Cravo e Canela foi escrito por:**

A- Luís de Camões

C-Jorge Amado

B-Manuel Alegre

D-José Craveirinha

**50. O Prémio Nobel de Literatura, 2025, foi ganho por:**

A-José Rodrigues dos Santos

B-Afonso Cruz

C-António Lobo Antunes

D-László Krasznahorkai

**ATENÇÃO:**

***A FiloSchool, Lda é a primeira empresa moçambicana que oferece serviço de explicação online e consultoria científica para todos os níveis académicos (ensino secundário e superior) à preços super baratos. 879369395***